

PESQUISA DA DEMANDA TURÍSTICA REAL DO PARQUE ECOLÓGICO DA PAMPULHA

GISELE ASSIS MAFRA¹
MARÍLIA RAIANE RODRIGUES SILVA²
SHEILA CRISTINA SOUZA³
WALLACE ALVES OLIVEIRA⁴

Recebido em 13.12.2017

Aprovado em 27.02.2018

RESUMO

O turismo configura-se hoje como um setor complexo e de muita relevância no cenário da economia mundial. Localmente, para que não gere problemas sociais e ambientais, ele deve ser bem planejado. Ao perceber o início de um fluxo turístico no Parque Ecológico da Pampulha - PEP, a Fundação Zoo Botânica de Belo Horizonte, preocupou-se em atender e oferecer serviços de interesse a este público. O presente estudo vai ao encontro à necessidade de conhecer o perfil socioeconômico do público do Parque. Outras discussões acabaram também por compor a pesquisa, como por exemplo, a forma com que os moradores de Belo Horizonte vêm se apropriando do Parque e qual a função social que esse espaço vem cumprindo. O estudo foi dividido em etapas onde constam pesquisa bibliográfica e documental, elaboração e aplicação de questionário, análise dos resultados e discussão final. Constatou-se, ao final, que a quantidade de turistas no Parque ainda é incipiente, e que a maior parte dos visitantes advêm de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Observou-se ainda que o grau de satisfação do público com relação a este equipamento é alta, apesar das diversas sugestões para melhoria da infraestrutura e do atendimento. Através deste estudo foi possível traçar o perfil do público que frequenta o PEP, constatar sua satisfação e captar as sugestões. A partir dos dados coletados acredita-se ser possível um planejamento de estratégias para melhoria do espaço e ainda a realização de novos estudos que utilizem análises estatísticas mais aprofundadas para melhor aproveitamento dos dados coletados nessa pesquisa.

Palavras-chave: Turismo. Parque Ecológico da Pampulha. Visitante. Perfil.

SURVEY OF THE REAL TOURIST DEMAND OF THE PAMPULHA ECOLOGICAL PARK

¹ Especialista em Turismo e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. giselemafra@pbh.gov.br

² Graduanda em Turismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. marilia.raiane@hotmail.com

³ Bacharel em Turismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. xecris@gmail.com

⁴ Bacharel em Turismo na Faculdade Newton Paiva, Belo Horizonte. wallaceaoliveira@pbh.gov.br

ABSTRACT

Tourism is today a complex and highly relevant sector in the world economy scenario. Locally, in order not to create social and environmental problem, it must be very planned. Realizing the beginning of a tourist flow in the Pampulha Ecological Park, the Botanic Zoo Foundation of Belo Horizonte, was concerned to attend and offer services of interest to this public. The present study meets the need to know the socioeconomic profile of the Park's public. The present study meets the need to know the socioeconomic profile of the Park's public. Other discussions also ended up being part of the research, such as the way in which the residents of Belo Horizonte have appropriated the Park and the social function that this space has been fulfilling. The study was divided into stages that include bibliographical and documentary research, elaboration and application of questionnaire, analysis of results and final discussion. It was found, in the end, that the amount of tourists in the Park is still incipient, and that the majority of the visitors come from Belo Horizonte and metropolitan region. It was also observed that the degree of satisfaction of the public with respect to this equipment is high, despite several suggestions for improvement of infrastructure and service. Through this study it was possible to draw the profile of the public that attends the PEP, to verify its satisfaction and to capture the suggestions. Based on the collected data, it is believed possible to plan strategies to improve space and to carry out new studies that use more detailed statistical analysis to better use the data collected in this research

Keywords: Tourism. Pampulha Ecological Park. Visitor. Profile.

INTRODUÇÃO

O Parque Ecológico da Pampulha é um importante instrumento de lazer e cultura para os moradores de Belo Horizonte. Desde sua origem até os dias atuais, a comunidade do entorno do Parque e até mesmo de regiões mais distantes utilizam o espaço para soltar pipa, fazer piqueniques, praticar esportes, fazer caminhadas, brincar nos parquinhos, andar de bicicleta, dentre outras atividades. Além disso, acontecem ainda alguns eventos culturais que geralmente atraem muitas pessoas interessadas em levar as crianças para se divertirem, sobretudo durante as férias escolares. Estas atividades e eventos fizeram com que o Parque fosse se consolidando pouco a pouco diante da cena cultural e de lazer belo-horizontina.

O Parque é dividido em dois grandes setores: um para a visitação pública, com aspectos de três biomas diferentes, Mata Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica, e outra área restrita à manutenção da flora e da fauna. É possível constatar essa divisão na imagem abaixo:

FIGURA 1 – ILUSTRAÇÃO DO PARQUE ECOLÓGICO DA PAMPULHA



Fonte: Ascom – Assessoria de comunicação da Fundação Zoobotânica de BH/ Imagem ilustrativa das divisões em setores do Parque Ecológico da Pampulha.

O Parque foi local de estudo para trabalhos na área de zoologia, botânica e educação ambiental. Vários animais podem ser vistos no espaço como furão, garça-branca-grande, biguá, martim-pescador-grande, iguana, jacaré-de-papo-amarelo, rãs⁵.

Um dos projetos pioneiros, que cumpre importante função social, é o Bicicleta para Todos. Ao emprestar uma bicicleta para o visitante o mesmo se torna responsável pelo objeto e pelo cuidado com os transeuntes do Parque, além do compromisso com o espaço e a devolução da bicicleta no tempo determinado. Há distribuição de toucas e capacetes, além de orientação sobre o uso correto do equipamento⁶.

⁵ Site Prefeitura de Belo Horizonte (<https://prefeitura.pbh.gov.br/>) Acesso em: 20/04/2017

⁶ Site Prefeitura de Belo Horizonte (<https://prefeitura.pbh.gov.br/>) Acesso em: 20/04/2017

Recentemente a FZB, Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, vem demonstrando uma maior preocupação com relação à satisfação dos visitantes de fora de Belo Horizonte, os turistas e excursionistas, que vêm à cidade e escolhem, dentro das inúmeras opções, fazer uma visita ao Parque. É objetivo da presente pesquisa, portanto, conhecer o perfil desse público, seu comportamento e demandas.

Objetiva-se diagnosticar ainda como vem se dando a apropriação daquele espaço por parte do público já frequente no Parque, seja ele turista ou morador de Belo Horizonte, na tentativa de melhorar os serviços já prestados, incrementar novidades condizentes com a realidade local e assim tornar interessante, para turistas e moradores, o passeio ao lugar.

LAZER E TURISMO EM PARQUES URBANOS

A definição de parques urbanos ainda encontra dificuldade em se consolidar devido às variações e imprecisões relacionados às normas de padronização, distribuição e tamanho dos mesmos. Fatores como dimensão, tratamentos e usos dos parques poderão influenciar diretamente na nomeação do espaço.

De acordo com o Art. 8º, § 1º, da Resolução CONAMA Nº 369/2006, considera-se área verde de domínio público “o espaço de domínio público que desempenhe função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização”.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, as áreas verdes urbanas são consideradas como o conjunto de áreas intraurbanas que apresentam cobertura vegetal, arbórea (nativa e introduzida), arbustiva ou rasteira (gramíneas) e que contribuem de modo significativo para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental nas cidades. Essas áreas verdes estão presentes numa enorme variedade de situações: em áreas públicas; em áreas de preservação permanente (APP); nos canteiros centrais; nas praças, parques, florestas e unidades de conservação (UC) urbanas; nos jardins institucionais; e nos terrenos públicos não edificadas.

O Ministério do Meio Ambiente dá o exemplo à definição acima de parque urbano e conceitua o mesmo como “uma área verde com função ecológica, estética e de lazer, no entanto, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos”⁷.

Não há dúvidas quanto à necessidade da existência de áreas verdes para o bem estar da população, sobretudo daquelas situadas em grandes centros urbanos. A modernização das cidades nas últimas décadas trouxe consigo uma forte tendência em suprimir elementos naturais que antes existiam no espaço. Rios que foram canalizados e hoje transformaram-se em grandes avenidas, vegetações nativas que praticamente já não figuram na paisagem e vida silvestre animal que foi obrigada a se refugiar em outros lugares, são alguns dos exemplos dessa tendência à artificialização da vida humana. Tais condições acabam por nos distanciar cada vez mais de nossas origens e nos aproximar da tão naturalizada lógica do trabalho e consumo. Todavia, por mais distantes que estejamos de um ambiente “natural”, há que se admitir nossa intrínseca e indissociável relação com o meio. Para que seja instaurada uma nova racionalidade que leve em consideração a importância dos espaços verdes nas cidades, faz-se necessária uma maior promoção de campanhas para a educação ambiental. A forma atual com a qual nos apropriamos do meio está fadada à falência, pois já é possível sentir em nosso dia-a-dia a falta de elementos essenciais à nossa sobrevivência como a água e o ar despoluídos, por exemplo.

Além disso, Manley (2011) afirma que a diminuição dos espaços para socializar, particularmente em sociedades nas quais o envelhecimento da população é uma tendência comprovada, preocupa e pode até ser um fator contribuinte para os níveis crescentes de problemas de saúde mental, sobretudo entre a população de países com baixas taxas de natalidade, como os Estados Unidos e o Reino Unido, por exemplo.

É nesse sentido, de recuperar o elo perdido entre o ser humano e a vida natural, no sentido de recriar formas alternativas de refúgio da vida urbana artificializada, que surgem os parques e áreas verdes naturais. “Muitas vezes a solução não está na construção de novos equipamentos, mas na recuperação e revitalização de espaços, destinando-os à sua própria função original, ou, com as adaptações necessárias, a outras finalidades” como afirma Marcellino (2005, p. 168).

⁷ Ministério do Meio Ambiente <http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes> Acesso em: 25/06/2016.

Nesse contexto, os parques públicos podem representar também um ponto de encontro entre as pessoas de uma mesma comunidade, no qual elas compartilham experiências e aprendem a valorizar sua própria cidade e a se sentirem pertencentes à ela.

Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço. [...] E se a questão for colocada em termos de vida diária da maioria da população, não há como fugir do fato: o espaço para o lazer é o espaço urbano. As cidades são os grandes espaços e equipamentos de lazer (MARCELLINO et al., 2007, p. 16).

Camargo (1998), afirma que uma pesquisa realizada em 1996, na cidade de São Paulo pelo SESC (Serviço Social do Comércio), constatou a preferência das pessoas por espaços abertos e áreas verdes, quando 70% dos entrevistados declararam fazer uso das áreas verdes para o lazer, sendo os parques urbanos os mais frequentados para este fim.

Olivares et al. (2005, p. 158) reforçam esta ideia ao assinalar que “[...] as áreas verdes são de grande importância para as grandes cidades. Estas áreas valorizam o meio ambiente, além de proporcionar espaços para atividades de lazer, turismo e educação ambiental”.

Uma importante reflexão trazida pelo pesquisador Ricardo Teixeira é a respeito do uso e apropriação dos parques urbanos pela comunidade local.

Sabe-se que algumas características podem auxiliar no processo de apropriação, tais como a pouca concorrência com outras áreas verdes próximas; uma vizinhança com uso e ocupação diversificados; os meios de acesso da população; a acessibilidade tanto física quanto econômica e sócio-cultural. Além disso, algumas questões projetuais e características do sítio também auxiliam. De todo modo, a atratividade é fundamental para a vida de um parque. É preciso que os usuários tenham motivos para freqüentá-los. E a partir do uso virá a apropriação, a qual pode se dar de diversos modos, seja para uma simples caminhada ou corrida ou, ainda, para exercícios físicos, em geral; seja para jogos ou brincadeiras infantis; seja para bate-papo com amigos ou para namorar; seja para prestigiar shows e apresentações; seja para a leitura e estudos ou para oração; tudo isso, em contato com a natureza.” (TEIXEIRA, 2007, p. 39)

Por esses e outros motivos os parques urbanos precisam começar a ganhar centralidade nos planejamentos e gestões públicas. Fica confirmada a importância destes espaços para a manutenção da qualidade de vida das populações de

grandes centros urbanos, como Belo Horizonte, por exemplo. Por serem espaços nos quais é possível a permanência mais longa, devido às suas dimensões e à diversidade de atividades oferecidas, costumam ser a opção de lazer de grande parte da população que busca aproveitar seu tempo livre, mas não deseja ou não pode se deslocar para fora da cidade. Sendo ainda um local onde as pessoas podem ser educadas ambientalmente, aprendendo a preservar e a respeitar a natureza (OLIVEIRA, 2013).

Em Belo Horizonte é possível constatar o crescimento contínuo da presença de turistas, o que impulsiona a busca por estudos sobre este público nos equipamentos de lazer da cidade. Certamente há grandes diferenças entre o público que se caracteriza como morador e aqueles de fora do município.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), pode-se definir como turista aquele indivíduo que se desloca para fora de seu local de habitação e permanece em um lugar por um período superior a 24 horas e inferior a um ano, com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada.

Nesse sentido, a presente pesquisa vai ao encontro às questões acima relacionadas e procura compreender que tipo de turismo vem se dando na metrópole de Belo Horizonte, sobretudo no Parque Ecológico da Pampulha, entendendo essa atividade como um instrumento de valorização cultural e fomentador do desenvolvimento local.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo consiste na realização de pesquisa qualitativa exploratória, o que significa dizer que é uma pesquisa descritiva que objetiva estabelecer maior familiaridade com um problema real (GIL, 1994), nesse caso com o estudo da demanda turística do Parque Ecológico da Pampulha.

O primeiro passo dado após o início da pesquisa foi o levantamento documental nos acervos da Fundação Zoo Botânica (CEDOC), e também o levantamento bibliográfico o qual conduziria a discussão teórica da pesquisa. Buscou-se, nesse momento, estudos feitos em instituições do Brasil e do mundo parecidas com a FZB e ainda estudos produzidos pela própria Fundação Zoo Botânica de Belo Horizonte em anos anteriores. Dessa forma, foi possível fazer uma

análise comparativa entre as pesquisas passadas e os objetivos da presente pesquisa para então selecionar a metodologia mais adequada para a confecção do questionário a ser aplicado no público visitante.

No processo de confecção do questionário nos deparamos com diversas dificuldades. Dentre elas o método para estabelecer uma amostra de aplicação confiável. De acordo com Schluter (2003), para que haja um método de amostras quase corretas, é necessário que se considere alguns elementos, tais como: metodologia da pesquisa, o tipo da amostragem, seu tamanho, o coeficiente usado na confiabilidade, o universo da população e sua margem de erro. A amostra estabelecida pelo grupo permitiu uma margem de erro de 10%, valor considerado razoável nesse tipo de pesquisa. Optou-se pela construção de uma amostragem aleatória estratificada proporcional⁸ separando dias úteis, sábados, domingos e feriados, levando em conta que o número de pessoas que visitam o parque varia bastante conforme os dias da semana. Aos domingos, por exemplo, o público do Parque quase triplica e dessa forma o número de aplicações teria que ser maior. Ao final do cálculo que considera o universo da população em determinado mês e o dia da semana (dia útil, feriado ou fim de semana), chegou-se ao número de 400 entrevistas durante 4 meses.

Os meses escolhidos para aplicação dos questionários foram julho, por ser um mês de férias escolares e, portanto, um período em que o número de visitantes sobe consideravelmente, agosto, setembro e outubro - este último por contar com a semana da criança (semana do dia 12 de outubro), época em que há também elevado índice de visitantes no Parque. O período de agosto a setembro foi escolhido por contar com um menor fluxo de visitação sendo possível compará-lo, posteriormente, com julho e outubro, meses de fluxo mais intenso.

Os questionários foram distribuídos ao longo das semanas de cada mês na intenção de evitar viés decorrente de programações de eventos na cidade ou de âmbito nacional, situação climática e possíveis imprevistos. Os horários e os locais de aplicação foram igualmente alternados a fim de abranger todo o público presente no Parque.

⁸ A amostra aleatória estratificada proporcional divide a população em grupos separados, chamados de estratos e, então, seleciona uma amostra aleatória simples de cada estrato proporcional ao observado na população.

O público alvo foi abordado aleatoriamente, dando liberdade a qualquer pessoa dos grupos abordados responder, sendo individualmente ou em grupo. A idade mínima estabelecida entre os pesquisadores foi de 18 anos, por padrão.

Durante a próxima etapa da pesquisa a preocupação girou em torno da elaboração do questionário, quiçá a parte mais importante da pesquisa e na qual despendeu-se mais concentração. Fato que se explica pela quantidade de informações que um questionário completo, sem falhas e bem planejado nos proporcionaria. Foram feitos alguns testes e depois de algumas semanas ajustando os detalhes obtivemos as principais questões da pesquisa compiladas em um questionário.

O tempo médio de entrevistas no pré-teste realizado foi de 7 minutos, sendo as perguntas realizadas pelas pesquisadoras após padronização das orientações aos entrevistados. O formulário constou de perguntas predominantemente fechadas, mantendo abertas somente questões numéricas como idade, renda, número de pessoas no grupo de visitação, número de pessoas na residência e gastos no Parque, bem como para sugestão de melhorias e/ou serviços. Para as perguntas fechadas, foram utilizadas questões de múltipla escolha (tendo algumas, possibilidade de escolher mais do que uma op o) e classifica o através da Escala Linkert de 5 pontos⁹. Optou-se pela aplica o através de um *tablet* e, para isso, utilizou-se o software *Epi Info*¹⁰. Esse programa permitiu uma maior eficiência tanto no momento de aplica o dos questionários, quando no momento de análise dos dados coletados.

Ocorreu, entretanto, um fato que impossibilitou a sequência da aplica o de questionários nos meses de setembro e outubro: a drástica redu o na visita o provocada pela divulga o de um incidente com uma criança que, após uma visita ao parque, contraiu a doença febre maculosa e acabou falecendo. Dessa forma, decidiu-se por suspender a aplica o de questionários no mês de outubro, já que em setembro já não havia sido possível cumprir com o número de aplica es estipulado.

⁹ Escala de Likert   um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, e   a escala mais usada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirma o.

¹⁰ Epi Info™   um conjunto de ferramentas de software interoperáveis de domínio público destinadas para a comunidade global de profissionais de saúde pública e pesquisadores. Possui formulário com fácil entrada de dados personalizável e constru o de banco de dados e análise de dados com as estatísticas epidemiológicas, mapas e gráficos (<https://www.cdc.gov/epiinfo/index.html>).

Considerou-se, portanto, para a análise final, aqueles meses em que o índice de visitação estava dentro do normal e do esperado, ou seja, os meses de julho e agosto.

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A partir da pesquisa realizada foi possível verificar que o público do Parque caracteriza-se, no geral, por ser um público de baixa renda (entre 1 e 3 salários mínimos), que possui, em sua maioria, o Ensino Médio completo e residência em Belo Horizonte ou Contagem.

Levando em consideração o cenário atual onde o crescimento populacional acarreta em inúmeros problemas de cunho ambiental e social, o Parque configura-se como um importante equipamento de promoção do bem-estar humano, sobretudo para os moradores das regiões próximas a ele. Assim, este espaço não deixa de cumprir ainda com uma função social, que considera um direito de todos o acesso ao lazer e à cultura.

Em sua maioria os grupos de visitantes do parque são compostos por membros de uma mesma família em um número médio de 3 a 4 pessoas. Ou seja, as pessoas, em geral, não vão sozinhas ao parque, mas sim convidam parentes e amigos para a visita, característica que contribui para a ampliação em número exponencial do público visitante. O parque vem se consolidando, portanto, como um ambiente confiável e seguro, onde é possível viver um momento de lazer em família e sem muitos custos, pois a entrada é gratuita e a maioria dos visitantes leva comidas e lanches para fazer piqueniques.

O meio de transporte mais utilizado é o automóvel, o que nos leva a refletir sobre a eficácia do transporte público até o local e até mesmo o incentivo à utilização do mesmo. O índice de visitantes que utilizam a bicicleta, outro meio alternativo ao carro, é baixo, cerca de 5% do público, fato curioso já que é permitida a entrada dos visitantes com a bicicleta no Parque. Pode-se presumir que o uso de bicicleta é baixo, pois é um modal ainda pouco utilizado nas grandes cidades do Brasil e, ainda que exista uma tendência ao crescimento diante das campanhas atuais realizadas pelos governos, mídia em geral e ONG's, é necessário investigar e propor soluções a este problema localmente. Sendo o Parque Ecológico da

Pampulha o primeiro parque de BH a permitir a entrada de bicicletas e oferecer, por muitos anos, o empréstimo das mesmas, poderia haver aprimoramento de estratégias voltadas para a divulgação e incentivo dessa utilização. É possível pensar, por exemplo, em ampliar a oferta de atividades diferenciadas como escolinha de bicicleta, cursos de mecânica de bicicleta, encontro de ciclistas, dentre outras iniciativas nesse sentido.

Observou-se também que os visitantes que procuram informações sobre o local antes da visita são minoria. O fato de que as pessoas não conhecem o mínimo sobre o lugar antes de se chegar a ele pode acarretar em quebra de expectativas e frustrações, por isso, aliada à maior divulgação sobre o Parque, é necessário criar atividades de lazer que possam compor a agenda do mesmo. Por outro lado pode-se inferir também que, como as pessoas já são visitantes habituais ou vão acompanhados de familiares e amigos, não sentem necessidade de pesquisar previamente sobre o local. De toda forma, a FZB pode estudar maneiras de ampliar esta divulgação para os moradores de Belo Horizonte incluindo também o Parque nos roteiros turísticos da cidade.

Na pergunta sobre o interesse dos visitantes em novos serviços, foram incluídas algumas atividades que já estão sendo pensadas e outras que ainda precisam passar por avaliação de sua viabilidade. Os serviços propostos na pesquisa foram: aluguel de bicicleta, aplicativo para celular, aluguel de carrinho de bebê, aluguel de guarda volume, aluguel de pedalinho no lago do Parque e venda de lembranças. Foi ressaltado no momento da entrevista que todos os serviços seriam pagos, com exceção do aplicativo para celular. Aqueles serviços pelos quais os visitantes se interessaram mais foram: aluguel de bicicleta e aplicativo para celular.

É interessante chamar a atenção para o resultado da pergunta sobre a intenção de gasto dos visitantes durante a visita, pois grande parte do público não pretende gastar nada dentro do Parque. Entende-se que isso se dá devido ao fato de que há pouca oferta de serviços voltados para alimentação, lazer e compras, por exemplo. Dessa forma, como é possível perceber no resultado sobre a motivação da visita, os visitantes habituaram-se a levar lanches e fazer piqueniques no Parque. Se por um lado o espaço para piqueniques em família e amigos é uma diversão, por outro, a falta de opções de lanches e outros tipos de alimentos é algo que incomoda

uma parte do público, por isso muitos deles sugeriram a criação de lanchonetes e até pequenas sorveterias dentro do Parque.

Um fato importante já conhecido e corroborado pelo resultado da pesquisa foi o baixo índice de turistas que visitam o PEP. Sendo Belo Horizonte uma cidade onde predomina o turismo de negócios e eventos é compreensível que o índice de turistas em espaços como o Parque Ecológico da Pampulha seja baixo. Porém, com relação ao que se observa em outros parques da capital, o PEP ainda recebe um número reduzido de turistas. Por situar-se em um local de grande visibilidade turística e pela sua grande área verde, o PEP teria esses e outros motivos para angariar mais visitantes durante as diferentes épocas do ano.

Algumas hipóteses podem ser levantadas para justificar esse fato, como por exemplo a concorrência com as outras opções de lazer que a orla da lagoa da Pampulha oferece: os espaços verdes, a possibilidade de prática de exercício físico e de andar de bicicleta já fazem da mesma um atrativo quase completo. Portanto, a carência de atividades e eventos dentro do Parque faz com que este seja apenas mais um espaço verde com as mesmas opções de atividades que já possui a orla. Além disso, a falta de divulgação sobre o Parque faz com que as informações não cheguem àqueles que não conhecem este espaço. Tampouco aos turistas a informação chega satisfatoriamente, pois, como já constatado na pesquisa, não há a presença de uma parcela expressiva deste público no parque.

O desafio é, portanto, o de se pensar em formas de incentivar a apropriação do espaço pela sociedade como um todo. Um espaço verde, com várias opções de atividades de lazer ao ar livre e que está em constante manutenção necessita ser melhor conhecido e aproveitado pela comunidade.

Durante a pesquisa foram várias as sugestões dos diversos públicos que frequentam o Parque e foi perceptível a carência de eventos e atividades que componham sua agenda. Talvez essa seja a chave para o reconhecimento do espaço pela população local e ainda para a inclusão do Parque no planejamento dos turistas que vêm a Belo Horizonte. Nos dias de semana, por exemplo, quando o movimento é menor, poderiam ser oferecidas oficinas de construção de instrumentos musicais, oficinas de horta, aulas sobre algum tema em pauta na sociedade e jogos

educativos direcionados para as escolas que visitam o Parque. Aos finais de semana, atividades voltadas para as famílias.

Outras demandas tais como aplicativo para celular sobre o parque, aluguel de bicicleta e aluguel de pedalinho no lago foram os novos serviços mais requisitados (dentre aqueles sugeridos pela própria pesquisa) pelos entrevistados e podem ser considerados como alternativas viáveis para a melhoria da relação das pessoas com aquele espaço.

Além desses serviços outros podem passar por estudos de viabilidade como, por exemplo, a implantação de um roteiro interpretativo sobre as diversas espécies de plantas do Parque. Ou a construção de quadras para prática de esportes e pistas de skates. E talvez seja possível pensar ainda em um melhor aproveitamento do lago, para que este tenha outros usos além da contemplação.

Para que seja possível tornar o Parque um atrativo turístico a ser recomendado aos turistas de Belo Horizonte é preciso pensar em formas de movimentar o local, dando ferramentas e possibilidade de criação de atividades interessantes, condizentes com a realidade do público que já o frequenta e divulgado pelos diversos meios de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, constatados os diversos desafios, acredita-se que seja possível a (re)criação do Parque Ecológico da Pampulha a partir da implementação de novas opções de lazer e aproveitamento do espaço. Uma consulta pública, amplamente divulgada, para lembrar as pessoas sobre a existência do PEP e convidá-las a pensar junto com a FZB novas formas de apropriação do mesmo, poderia fazer com que os visitantes habituais do Parque e até mesmo aqueles que pretendem começar a frequentar o lugar se sintam pertencentes a este espaço. Futuramente espera-se que estas pessoas comecem a pensar os espaços públicos sob uma nova ótica, que considere o urbano e a cidade como extensões das próprias vidas e não como um elemento separado ou distante. E ainda que estes espaços se apresentem como lugares de afetividade e encontro coletivo, onde seja legítima a permanência e não tão somente o trânsito. É possível que a educação ambiental auxilie nessa construção do entendimento e sensibilização dos espaços

públicos enquanto extensão mesmo dos corpos e que, portanto, necessita ser cuidado.

Por fim, entende-se que os objetivos traçados no início da pesquisa foram alcançados, pois foi possível construir uma ferramenta de consulta e estudo para futuras tomadas de decisão e foi aberta uma importante discussão acerca da demanda turística nos equipamentos de lazer de Belo Horizonte, não esquecendo, porém, da importância na manutenção da qualidade dos espaços públicos para os próprios moradores do município. Sabe-se, entretanto, que outros estudos precisam ser feitos para avaliar, por exemplo, a viabilidade dos serviços propostos, ou organizar um completo plano de divulgação do Parque e, até mesmo, construir junto à comunidade uma agenda cultural mensal que traga mais eventos e atividades aos diversos públicos do Parque Ecológico da Pampulha.

REFERÊNCIAS

ARCOWEB. Pavilhão sobre espelho d'água liga Minas ao Japão. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/gustavo-penna-mariza-machado-coelho-memorial-imigracao-japonesa-03-11-2009.html>>. Acessado em 15 de junho de 2016.

CAMARGO, Luiz O. Lima. Educação para o Lazer. São Paulo: Ed. Moderna, 1998. 160 p.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. “Acesso aos espaços e equipamentos de lazer em regiões metropolitanas” em Coletânea VI Seminário “O lazer em debate”. Belo Horizonte: UFMG, p. 166-174, 2005.

OLIVARES, Bruna Sensulini S. et al. “Uma proposta de reestruturação das atividades e dos equipamentos de lazer do Parque Estadual do Jaraguá / SP” em Coletânea VI Seminário “O lazer em debate”. Belo Horizonte: UFMG, p. 157-165, 2005.

OLIVEIRA, Danielle Stuart. Acessibilidade e interação social: Comportamento Social em face de problemas de mobilidade no Parque Ecológico da Pampulha. Dissertação de Mestrado. UFMG Ano 2013

SCHLÜTER, Regina G. Gastronomia e Turismo. São Paulo: Aleph, 2003.

TEIXEIRA, Ricardo dos Santos. Análise da apropriação pelos usuários de parque urbanos: estudo de caso na bacia da Pampulha – Belo Horizonte MG. 2007. Universidade Federal de Viçosa/ Mestrado.

Sesc Minas Gerais: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoPagina.aspx?cod_destino=1&cod_atrativo=3331&cod_pgi=2858. Acesso em: 19/10/2016

Ministério do Meio Ambiente <http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes> Acesso em: 25/06/2016.